

A REPRESENTAÇÃO DA INTELLECTUALIDADE NEGRA NA NARRATIVA DE NEI LOPES ATRAVÉS DE VOZES VELADAS, VELUDOSAS VOZES

Consoelo Costa Soares Carvalho¹
Universidade Federal de Mato Grosso

RESUMO

O romance *Rio Negro, 50* de Nei Lopes, apresenta uma multiplicidade de personagens que muitas vezes se relacionam e convivem com figuras históricas, explora a história do povo negro brasileiro destituindo-a do lugar de subalternidade. Além disso, tem como peculiaridade o protagonismo de negros intelectuais, fator improvável aos padrões hegemônicos, pois essa condição de intelectualidade, por estar intimamente ligada à obtenção de conhecimento instituído, aparece nos discursos sócio-históricos e literários como característica não atribuível ao negro. Fundamentando-se em um enfoque pós-colonial e decolonial, a partir do qual as hierarquias – sejam elas relativas ao conhecimento, à classe social, ao gênero, à raça etc., – são questionadas, nosso objetivo é demonstrar como essa representatividade do negro como intelectual questiona tais hierarquias e ao mesmo tempo revela-nos novas perspectivas sociais. Portanto, primeiramente apresentamos uma breve discussão sobre o caráter universalizante das epistemologias ocidentais, a partir do qual diferentes perspectivas são desconsideradas, e, por fim, apoiamos a ideia de que diferentes tipos de relações sociais dão origem a diferentes conhecimentos, assim, é preciso considerar essa pluralidade de saberes.

PALAVRAS-CHAVE: Perspectiva pós-colonial, hierarquias, negro.

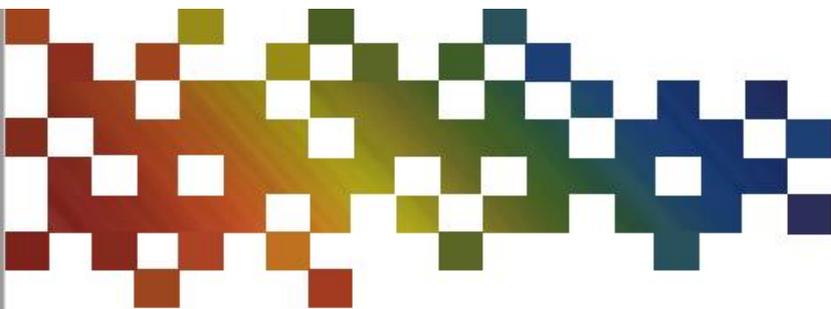
THE REPRESENTATION OF THE BLACK INTELLIGENTSIA IN THE NARRATIVE OF NEI LOPES THROUGH VOZES VELADAS, VELUDOSAS VOZES

ABSTRACT

The novel *Rio Negro, 50* by Nei Lopes presents a multiplicity of characters that often relate to and coexist with historical figures, and it explores the history of the Brazilian black people by removing it from the place of subalternity. Moreover, it has as a peculiarity the protagonism of black intellectuals, an improbable factor considering hegemonic standards, because this condition of intellectuality, closely linked to the acquisition of instituted knowledge, appears in socio-historical and literary discourses as a characteristic not attributable to the black. Relying on a postcolonial and decolonial approach, from which hierarchies related to knowledge, social class, gender, race, etc. are questioned, our goal is to demonstrate how this representation of the black as intellectual, questions such hierarchies and at the same time reveals new social perspectives. Therefore, we first present a brief discussion on the universalizing character of Western epistemologies, from which different perspectives are disregarded, and finally, we support the idea that different types of social relations give rise to different knowledge. Thus, it is necessary to consider this plurality of knowledge.

KEYWORDS: Postcolonial perspective, hierarchies, black

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal de Mato Grosso.



LA REPRESENTACIÓN DE LA INTELLECTUALIDAD NEGRA EN LA NARRATIVA DE NEI LOPES A TRAVÉS DE VOZES VELADAS, VELUDOSAS VOZES

RESUMEN

La novela *Rio Negro* de 50 años de Nei Lopes, presenta una multiplicidad de personajes que muchas veces se relacionan y conviven con figuras históricas, explora la historia del pueblo negro brasileño destituyéndola del lugar de subalternidad. Además, tiene como peculiaridad el protagonismo de negros intelectuales, factor improbable a los patrones hegemónicos, pues esa condición de intelectualidad, por estar íntimamente ligada a la obtención de conocimiento instituido, aparece en los discursos sociohistóricos y literarios como característica no atribuible al negro. Basándose, en un enfoque postcolonial y decolonial, a partir del cual las jerarquías -las sean relativas al conocimiento, a la clase social, al género, a la raza, etc., - son cuestionadas, nuestro objetivo es demostrar cómo esa representatividad del negro como intelectual cuestiona tales jerarquías y al mismo tiempo nos revela nuevas perspectivas sociales. Por lo tanto, primero presentamos una breve discusión sobre el carácter universalizante de las epistemologías occidentales, a partir del cual diferentes perspectivas son desconsideradas, y, por fin, apoyamos la idea de que diferentes tipos de relaciones sociales dan origen a diferentes conocimientos, así, hay que considerar esa pluralidad de saberes.

PALABRAS CLAVE: Perspectiva postcolonial, jerarquías, negro.

Introdução

“Vozes veladas, veludasas vozes”, é um verso do célebre poema “Violões que choram” de autoria do poeta João da Cruz e Sousa, que, segundo Nei Lopes (2015, p. 15), é “símbolo maior da intelectualidade afrodescendente no Brasil”. Talvez, por esse motivo, os dez capítulos que compõem o romance *Rio Negro, 50* de Lopes, objeto deste artigo, são precedidos de epígrafes, todas de autoria de Cruz e Sousa e que possuem grande ligação com os fatos narrados ali.

Sobre a epígrafe, Antoine Compagnon (1996, p. 120-121) esclarece que:

Na borda do livro, a epígrafe é um sinal de valor complexo. É um símbolo (relação do texto com um outro texto, relação lógica, homológica), um índice (relação do texto com um autor antigo, que desempenha o papel de protetor, é a figura do doador, no canto do quadro). [...] Mas, antes de tudo, ela é um grito, uma palavra inicial, um limpar de garganta antes de começar realmente a falar, um prelúdio ou uma confissão de fé...

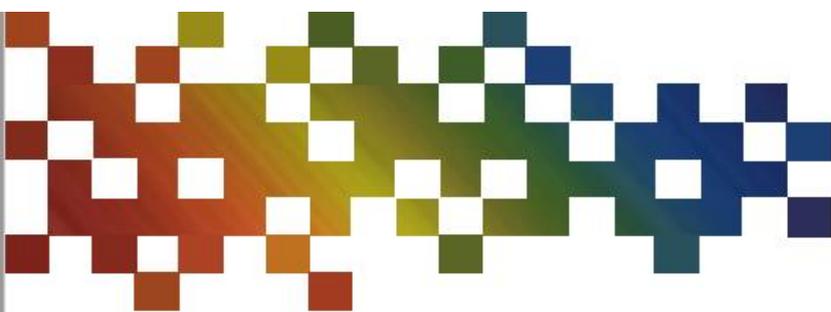
Ao tomar o verso “Vozes veladas, veludosas vozes” como prelúdio do capítulo dois do romance, justamente o capítulo em que os personagens discutem questões políticas, sociais e culturais do país relativas à comunidade negra brasileira, Lopes inicia na narrativa um processo de desvelamento dessas vozes que foram por muito tempo veladas, suprimidas e negadas. E inicia esse processo aliando fatos históricos, agentes sociais e ficção, tanto que traz para seu romance *Rio Negro, 50*, no qual a intelectualidade negra é evidenciada, a voz de Cruz e Sousa.

Em outras palavras, se no poema “Violões que choram” Cruz e Sousa canta a dor do afro-brasileiro provocada pelo racismo e ao mesmo tempo eleva essa voz, em *Rio Negro, 50* Lopes também traz à tona vozes que um dia foram veladas. Por esse viés, a construção literária de Lopes associa o trabalho criativo com a linguagem à responsabilidade social e política da arte, projetando, assim, um saber próprio representado pela linguagem, mas que está intimamente ligado a motivações sócio-políticas e culturais.

A narrativa começa na década de 1950 – por isso a referência ao período histórico no título – em um café bar no centro do Rio de Janeiro chamado Rio Negro. O Café Bar Rio Negro é o ponto de encontro de negros intelectuais que se reúnem e discutem questões políticas, sociais e culturais do país, mais especificamente com relação à comunidade negra brasileira.

Os muitos personagens e as muitas histórias que compõem a narrativa se entrelaçam e, a partir disso, passamos a conhecer a população afro-brasileira por um viés diferente daquele que estamos acostumados a ver na literatura dita canônica. Ou seja, como objeto e não sujeito, como coisa e não ser. Os negros ocupam na narrativa um lugar de destaque que é marcado pela resistência e luta contra a subalternidade.

Nesse ponto, salientamos a peculiaridade do texto de Nei Lopes, porque a resistência e luta contra a subalternidade, imputada aos negros, é cunhada pelo viés da intelectualidade. Temos na narrativa negros intelectuais – fator improvável aos padrões hegemônicos porque essa condição de intelectualidade, por estar intimamente ligada à obtenção de conhecimento instituído, aparece nos discursos sócio-históricos e literários como característica não atribuível ao negro.



Diante disso, fundamentando-se em um enfoque pós-colonial e decolonial, a partir do qual as hierarquias – sejam elas relativas ao conhecimento, à classe social, ao gênero, à raça etc., – são questionadas, passamos a demonstrar como essa representatividade do negro como intelectual questiona tais hierarquias e ao mesmo tempo revela-nos novas perspectivas sociais.

O caráter universalizante das epistemologias ocidentais

Por que determinados conhecimentos são excluídos do rol de saberes válidos? Por que a associação da pessoa negra à imagem de intelectual é incomum e causa espanto? Podemos dizer que isso se deve ao caráter universalizante das epistemologias ocidentais. Por muito tempo, estivemos inseridos em um contexto em que a ideia de unidade epistemológica sempre prevaleceu. O único conhecimento válido era aquele vinculado à Europa, e outros conhecimentos não eram considerados.

Ernesto Laclau (2001, p. 237), ao discutir sobre o universalismo e particularismo chama a atenção para o fato de que “o universal não é nada além de um particular que em algum momento se tornou dominante”, e essa dominação deu-se a partir da expansão imperialista europeia que:

[...] tinha que ser apresentada em termos de uma função civilizadora universal, da modernização etc. **As resistências das outras culturas eram, como resultado, apresentadas não como lutas entre identidades e culturas em particular, mas como parte de uma luta abrangente e memorável entre universalidade e particularismo** – a noção de pessoas sem história expressando precisamente sua incapacidade de representar o universal (LACLAU, 2001, p. 235, grifo nosso).

Portanto, grupos sociais tidos como subalternos têm seus conhecimentos invalidados, e as histórias que conhecemos desses grupos são majoritariamente contadas a partir do olhar do outro. No caso do Brasil, país de herança colonial, negros e índios estão inseridos nesse contexto. Na literatura, por exemplo, os discursos sobre eles são em grande medida carregados de estereótipos, isso quando são representados. Essa é uma das consequências dessa ideia de universalidade epistemológica, que Boaventura Sousa Santos (2009, p. 10 *apud* SANTOS, 1998, p. 208) chama de “epistemicídio, ou seja, a supressão dos conhecimentos

locais perpetrada por um conhecimento alienígena”. Em outras palavras, o predomínio da hegemonia da unidade arrasou, marginalizou e descredibilizou todos os conhecimentos advindos de outras experiências que não as eurocêntricas.

Por esse viés, pensar a intelectualidade negra no Brasil requer o questionamento de hierarquias e, sobretudo, a proposição de novas perspectivas sociais. De acordo com Nilma Lino Gomes (2009, p. 421), “o papel dos intelectuais negros tem sido, nesse contexto, indagar a produção do conhecimento acadêmico e o lugar ocupado pelo ‘outro’, pelo diferente e pelas diferenças”. O objetivo desses intelectuais, segundo a autora, é dar visibilidade a subjetividades, desigualdades, silenciamentos e omissões em relação a determinados grupos sócio-raciais e suas vivências.

Contudo, por assumir esses objetivos, ameaçando territórios historicamente demarcados dentro do campo das ciências sociais e humanas, por exemplo, esses intelectuais têm enfrentado as consequências de tal posicionamento. Nei Lopes, por exemplo, autor do romance objeto desse artigo, é estudioso da cultura africana no continente de origem e na diáspora. Possui uma vasta produção não ficcional e ficcional em que o protagonismo negro se faz presente, ou seja, em todas as suas obras o ser negro adquire relevância e se faz presente para além da condição de objeto. Além disso, o autor possui uma forte ligação com o samba, na condição de compositor e intérprete da sua música, compôs mais de 300 títulos e na maioria deles a temática afro-brasileira ganha destaque.

Vejamos que toda a produção do autor, na literatura, na música e nos trabalhos não ficcionais como enciclopédias, dicionários, ensaios e artigos, traz como elemento principal a temática negra. Entretanto, segundo Lopes, em entrevista dada à jornalista Helena Celestino no Programa Diálogos, promovido pela Fundação Biblioteca Nacional, ele já passou por experiências em que tentaram desqualificá-lo como intelectual e pensador devido a sua ligação com o samba.

Nas palavras do entrevistado:

É interessante que eu sou sambista, sempre fui, desde criança, e essa condição que muitas vezes foi usada para me desqualificar enquanto intelectual e pensador é uma

condição que permanece dentro da minha reflexão, dentro da minha literatura, dentro dos questionamentos que eu faço...²

Lopes, acrescenta ainda, na entrevista, que esse modo de pensar “está inserido dentro de um corpo de percepção racista no Brasil”. Nesse sentido, nossa afirmação de que pensar a intelectualidade negra no Brasil requer o questionamento de hierarquias, bem como do pensamento social racializado no qual estamos inseridos, faz todo sentido. Se analisarmos esse contexto em que Lopes está envolvido, veremos que tentam desqualificá-lo como pensador e intelectual porque toda a sua produção, seja escrita, seja musical, está intimamente ligada ao protagonismo e à temática afro-brasileira e, para os padrões hegemônicos, que ditam o que tem valor e o que não tem, a temática afro-brasileira não tem relevância, daí o motivo dos questionamentos e das desqualificações. Não olham para essa produção com o olhar distanciado da inferioridade, ao contrário, quando a temática negra está presente, parece que o pré-requisito de análise é justamente a subalternidade.

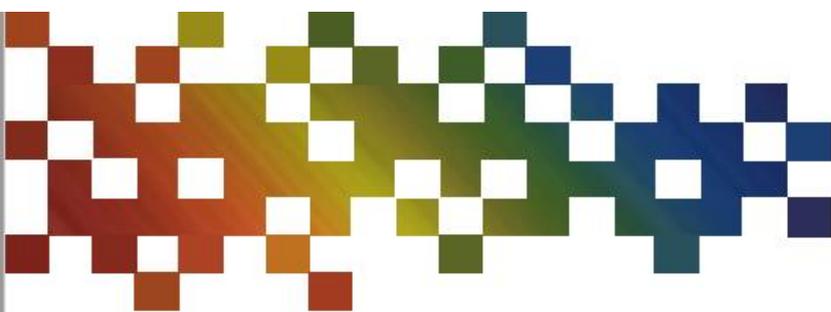
Sobre essa questão de análise, Santos (2008, p. 140, grifo nosso) faz a seguinte afirmação:

O importante é, pois, averiguar porque preferimos estes critérios epistemológicos e não outros. E essa preferência só se pode fundar meta-epistemologicamente, ou seja, por considerações culturais, políticas ou éticas. **É um juízo de valor**, o que só sublinha a importância das novas decisões.

Eis o cerne do problema, porque se trata de um juízo de valor concebido a partir das convicções culturais, políticas ou éticas de determinado grupo, e geralmente, quem coloca sob suspeita o discurso do outro é justamente quem tem o poder de fala e que ainda acredita na possibilidade de produção de uma ciência neutra e deslocada dos sujeitos que a produzem.

Aníbal Quijano (2009) explicita que esses posicionamentos são sustentados pela colonialidade do poder. Apesar de estar intimamente ligada ao colonialismo, a colonialidade difere-se deste na medida em que permanece. Se o colonialismo estabeleceu uma dominação política, social e cultural sobre os não europeus, a colonialidade do poder configura-se como

² O programa foi transmitido ao vivo pela internet em 21 de setembro de 2017 e encontra-se disponível em https://www.youtube.com/watch?v=9_Ednobx1Ww&t=5843s. Acesso em 29 de set. 2017.



uma extensão dessa dominação mesmo com o fim do colonialismo, ou seja, é uma estrutura muito mais profunda e duradoura porque se estabeleceu no imaginário social e mundial.

A diferença, nesse caso, é vista como desigualdade no sentido hierárquico, e tais desigualdades, na concepção de Quijano (1992, p. 06),

são percebidas como de natureza: só a cultura europeia é racional, pode conter “sujeitos”. As demais não são racionais. Não podem ser nem almejar “sujeitos”. Em consequência, as outras culturas são diferentes no sentido de serem desiguais, de fato inferiores por natureza. Só podem ser “objeto” de conhecimento ou de práticas de dominação. Nessa perspectiva, a relação entre a cultura europeia e as outras culturas se estabeleceu e, desde então, se mantém como uma relação entre “sujeito” e “objeto”.

O conhecimento do outro, nesse aspecto, é desconsiderado, já que tal pressuposto sugere que a relação entre sujeito e objeto só pode ser pensada apenas de um lado. Quando grupos sociais, que por essa lógica de dominação estão do outro lado da margem, na condição de objeto, resolvem tomar para si a condição de sujeito, recontando a história, desfazendo os estereótipos e questionando as hierarquias, ameaçam essa colonialidade do poder, que aliás também se manifesta sobre o saber e o ser.

Sobre o saber, porque, como vimos, nessa lógica de pensamento existe apenas um conhecimento válido, o eurocêntrico. E sobre o ser, porque a colonialidade do poder foi estabelecida a partir da ideia de raça, que, por sua vez, foi baseada nas diferenças fenotípicas e usada para classificar a população mundial. Em suma, a colonialidade do saber, do ser e do poder é o que ainda sustenta as hierarquias, as desigualdades e os preconceitos.

No caso do Brasil, essas formas de colonialidades são acrescidas pelo fator miscigenação. Há um forte discurso construído no final do século XIX e século XX de que somos um povo miscigenado. De fato, não podemos negar essa afirmação, porém, os discursos que se associam a ela, sim. São discursos contraditórios e perversos, pois ao mesmo tempo em que se afirmou nossa condição de nação miscigenada, se afirmou também, em consequência, que somos todos iguais, não havendo diferenças entre brancos e não brancos.

A problemática desse tipo de afirmação está no fato de que ela oculta a estrutura de hierarquia racial, bem como as desigualdades provocadas por esta, em suma:



O contexto de desigualdade racial que se consolidou historicamente para os negros é bastante perverso, pois os coloca num círculo vicioso. A ideologia racista tem sido usada para naturalizar a situação socioeconômica desse grupo racial e a sua situação socioeconômica tem sido usada para confirmar essa ideologia racista (MARÇAL, 2012, p.23).

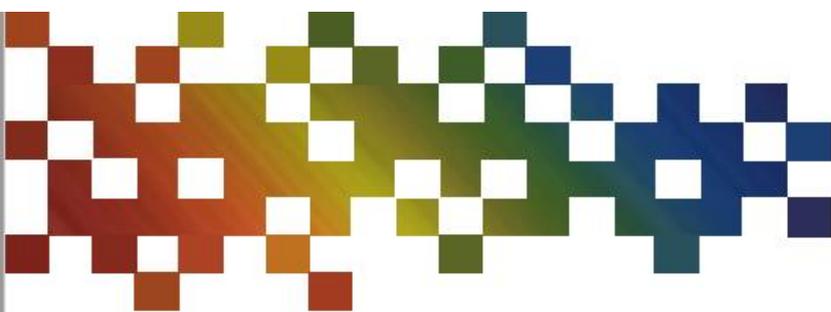
Em se tratando de educação, ou melhor, de conhecimento instituído, esse imaginário coletivo que coloca negros como inferiores e brancos como superiores não associa a condição de intelectualidade ao negro, como afirma Gomes (2009, p. 428), “estamos em um campo no qual se cruzam relações de raça e poder”. Contudo, diante dos avanços dos estudos pós-coloniais e decoloniais, podemos afirmar que essas relações de poder estão sendo questionadas e confrontadas, para que se reconheça a diversidade epistemológica.

Santos (2008, p. 154), defende a ideia de ecologia de saberes que trata de “um conjunto de epistemologias que partem da possibilidade da diversidade e da globalização contra-hegemônicas e pretendem contribuir para credibilizá-las e fortalecê-las”. Essa proposta de ecologia de saberes pauta-se na ideia de que existe uma pluralidade de conhecimentos que precisam ser considerados, cada qual na sua especificidade, pois, ainda segundo Santos, os conhecimentos não são puros e completos, por isso, as hierarquizações, as segregações e discriminações precisam ser contestadas e combatidas.

Consideramos que quando Nei Lopes traz para sua narrativa o protagonismo negro, visto de um modo incomum, porque, como vimos, o olhar destinado ao negro na tessitura literária é quase sempre na condição de objeto, ele nos alerta para a importância de credibilizar outras experiências que não as hegemônicas. A importância de conhecermos outras formas de saberes.

Portanto, de acordo com Santos (2008, p. 163), “a ecologia de saberes visa ser uma luta não ignorante contra a ignorância. [...] Entre conhecer e ignorar há uma terceira categoria: conhecer erradamente”. E a literatura dita canônica, em grande medida, passou e passa esse conhecimento errôneo sobre o sujeito negro, uma vez que, de certa forma, é pautada no caráter universalizante das epistemologias ocidentais.

A resignificação de vozes na narrativa de Nei Lopes



O romance *Rio Negro, 50* de Nei Lopes tem como ambientação a década de 1950 na cidade do Rio de Janeiro. A começar pela análise do título da obra, afirmamos que se configura como uma narrativa em que as vozes que um dia foram veladas, ocultadas, segregadas, devido ao caráter racializado que permeou e permeia nosso processo sócio histórico de nação, são apresentadas e significam.

Falamos dos negros e negras brasileiros que foram esquecidos pela história. Entrelaçando ficção e pesquisa histórica, Lopes, ao apresentar, no cenário de *Rio Negro, 50*, uma multiplicidade de personagens que muitas vezes se relacionam e convivem com personagens reais, explora a história do povo negro brasileiro, destituindo-a do lugar de subalternidade. Esse é um dos aspectos relevantes da construção literária de Lopes, que, no romance, toma a década de 50 para resgatar a história da consolidação do movimento negro no Brasil.

O autor, em entrevista concedida ao Jornal *O Globo* sobre o romance, esclarece que a escolha dessa década como cenário da narrativa é:

Porque foi a década em que aflorou o protagonismo do povo negro na cultura brasileira, em quase todos os setores, da religiosidade ao teatro musicado, passando pelo rádio, pela aglutinação política, sem falar no futebol e outros esportes. Tudo o que aconteceu nessa década repercutiu depois [...].³

O romance mostra a presença negra em todos esses setores e em especial fala dos intelectuais negros e dos modos como eles agem em busca de desconstruir o mito de democracia racial presente no país. Citamos alguns desses personagens e o modo como são apresentados na narrativa. O advogado Paula Assis, por exemplo, “contrariando todas as probabilidades, bacharelou-se pela primeira turma da Faculdade Nacional de Direito, em 3 de dezembro de 1937 e tornou-se um excelente criminalista” (LOPES, 2015, p. 41).

O sociólogo e jornalista Paulo Cordeiro, por sua vez, aos 30 anos já tem carreira consolidada com suas publicações, mas enfrenta preconceitos na academia, pois dedica “suas pesquisas de campo nas macumbas, nos candomblés, nas escolas de samba, nas rodas de

³ LOPES, Nei. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/cultura/livros/novo-romance-de-nei-lobes-resgata-movimento-negro-no-brasil-da-decada-de-1950-15909786#ixzz4N41yDWvz>>.

batucada [...]. Por isso, a chamada ‘Academia’ não reconhece valor em seus trabalhos, o que o magoa profundamente” (p. 32).

Esdras do Sacramento é dramaturgo, ator, militante dos direitos dos afro-brasileiros e dirigente da União dos Homens de Cor do Distrito Federal, a “Ugacê”, e ao apresentar à imprensa uma de suas propostas, que é fundar um grupo de teatro para formar atores dramáticos negros e propiciar a criação de uma literatura dramática afro-brasileira, é hostilizado, mas não deixa de lutar pelo que acredita.

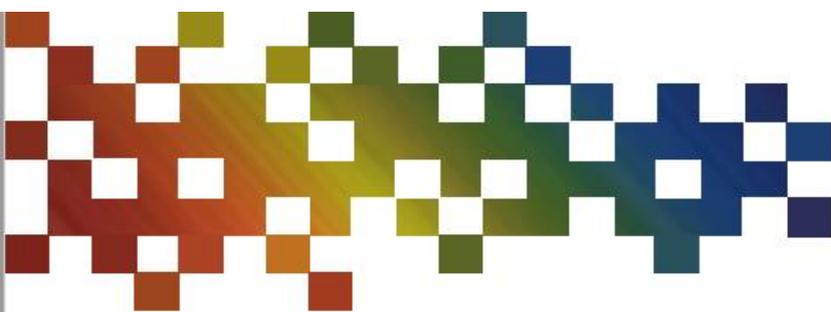
A apresentação dos personagens chama a atenção para as dificuldades que enfrentam, por serem negros, porém, não se limita a isso. O narrador nos mostra a outra vertente da história, dizendo que eles lutam e resistem. É nesse cenário protagonizado por negros que a narrativa de Lopes questiona o caráter universalizante das epistemologias ocidentais.

Talvez por isso, não há no romance um personagem que podemos eleger como protagonista, porque o protagonismo é inteiramente negro. O personagem principal, que transita nas 286 páginas do romance, é a experiência coletiva de um povo ainda subalternizado, portanto, não se limita a um único herói, nem a uma única história.

É por meio dessas múltiplas histórias que a identidade negra vai sendo construída e revelada, como no caso do personagem negro João Bonifácio, que, no início da trama, acreditava no mito de democracia racial, ao conhecer e conviver com os negros intelectuais do Café Bar Rio Negro, começa a perceber as perversidades desse sistema. Como podemos notar na sua resposta à tia Caetana, que, devido ao imaginário social, acredita que muitos negros também são racistas:

- A senhora não deixa de ter razão, Tia. Mas essa coisa de “irmão”, “primo”, fazer pouco-caso um do outro, eu acho que tem uma explicação. De tanto escutar que preto é inferior, feio, sujo, preguiçoso, a pessoa de cabeça fraca acaba acreditando nisso. E aí passa a não gostar nem dela mesma (LOPES, 2015, p. 165).

A fala de Maní não apenas demonstra o deslocamento de sua visão de mundo sobre o ser negro, mas também revela um novo entendimento das relações raciais em que vive. Isso é o que chamamos de reconstrução da história, da memória, enfim, do imaginário representativo



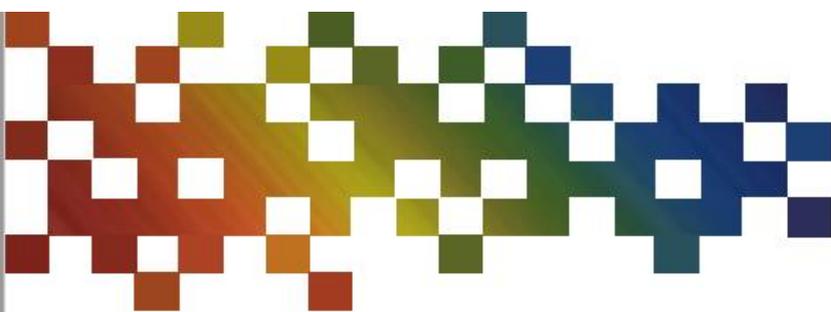
do ser negro, que agora possui uma carga de subjetividade, conferindo a essa representação uma imagem positiva.

Além dessa, há na narrativa diversas passagens que revelam algumas situações que passam despercebidas pelos discursos hegemônicos, mas que fazem parte da experiência de vida de uma pessoa negra e, portanto, são questionadas pelos intelectuais da trama. Sobre a atuação no Rádio e na TV, os personagens falam como os artistas negros são tratados vejamos:

- E os que ganham dinheiro nunca são, pelo menos, moreninhos, bronzeados. Não tem um “colored”, unzinho só, nesse meio, já notaram?
- Para eles, nosso pessoal é sempre malandro, empregadinha; só serve para fazer coro, rebolar ou servir cafezinho.
- Noutro dia, num programa, teve lá um quadro humorístico sobre um baile de gafeira. De repente, um camarada, falando errado, invadia o salão, mandava parar a música e avisava que ia dar uma notícia muito triste. Aí, depois de ele avisar que tinha morrido “um crioulo”, entrava em cena o corpo pro velório, ao som de uma batucada. Nesse velório, então, o texto desfiava um montão de baboseiras: que “velório de preto sem cachaça não é velório”, que “diversão de preto é roubar galinha” ... E tudo acabava em uma correria atropelada, ao som de uma sirene da polícia.
- É... Racismo brabo, meu camarada! E você já reparou que, no rádio, artista preto dificilmente tem nome?
- Como assim?
- Não tem nome, é só apelido: Blecaute, Caboré, Chocolate, Jameleão, Gasolina, Pato Preto, Risadinha... E até as mulheres, mesmo as bonitas: Rosa Negra, Vênus Negra, Vênus de Ébano, Pérola Negra... (LOPES, 2015, p. 63-64).

E essas problemáticas vão sendo reveladas a partir dos diversos setores sociais em que as relações raciais se dão: na música, no futebol, no teatro, nos clubes de lazer. Nesse ponto, chamamos a atenção para a importância da atuação intelectual negra. Gomes (2009), ao falar dos intelectuais negros e da produção do conhecimento na realidade brasileira, traça um perfil da configuração desse intelectual. Para a autora, os intelectuais negros:

Ao realizarem suas pesquisas e tematizarem a questão racial nas mais diversas áreas do conhecimento, com ênfase nas ciências sociais e humanas, esses sujeitos produzem um conhecimento pautado não mais no olhar do ‘outro’, do intelectual branco comprometido (ou não) com a luta anti-racista, mas pelo olhar crítico e analítico do próprio negro como pesquisador da temática racial. Não mais um olhar distanciado e neutro sobre o fenômeno do racismo e das desigualdades raciais, mas, sim, uma análise e leitura crítica de alguém que os vivencia na sua trajetória pessoal e coletiva, inclusive, nos meios acadêmicos (GOMES, 2009, p. 422).

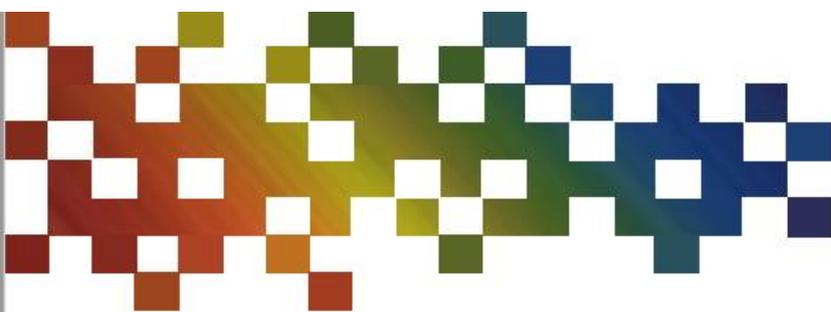


Vejamos que esse perfil de intelectual, traçado por Gomes permeia não apenas a narrativa do romance, mas também dialoga com o perfil de intelectual daquele que o produziu. Como vimos, anteriormente, Nei Lopes traz para suas produções esse engajamento político, e mais do que isso, questiona a naturalização do imaginário social definido pelas relações de raça e poder, para os quais os afro-brasileiros devem permanecer sempre à margem. A margem do acesso à educação, do conhecimento científico, das esferas de poder, legislativo, executivo e judiciário, enfim, dos meios de comando da sociedade.

Outra passagem no romance que nos faz refletir sobre determinados discursos naturalizados socialmente a respeito dos afro-brasileiros, acontece a partir de um diálogo entre duas mulheres, funcionárias públicas, que estão tomando um café em frente a um teatro onde está acontecendo o 1º Congresso do Negro Brasileiro, idealizado pelo Teatro Experimental do Negro. E, elas fazem a seguinte reclamação:

- Teatro Experimental do Negro... Ora, veja você! Esse povo não quer nada mesmo com o batente, não é? Em vez de aprender um ofício, pra trabalhar e se sustentar, fica fazendo teatrinho. Onde já se viu? Ora... Vão trabalhar, vagabundos!
- Está muito difícil conseguir empregada hoje em dia, Marion.
- Mas é isso! [...] As pretas agora só querem saber de escola de samba e gafieira. Ninguém mais quer nem passar perto de um tanque, arrumar uma casa, pegar num escovão, num ferro de engomar....
- O negócio delas é ser cantora de rádio, artista de teatro...
- E apostar corrida também, já viu? Está cheio de pretinhas – como é que elas falam?
- “Atrétas”... No “Framengo”, no Botafogo... E até no “Fruminense”, como elas dizem... Tudo correndo, pulando salto em altura...
- Antigamente, as pretas eram mais comportadas, mais obedientes...
- Sabiam onde era o seu lugar...
- Eram boas cozinheiras, boas lavadeiras, sabiam arrumar uma casa...
- Lá em casa teve uma que praticamente criou a gente. Era como se fosse da família. Nunca quis sair. Ficou conosco mais de cinquenta anos: morreu com mais de 80. E nunca reclamou de nada (LOPES, 2015, p .45-46).

São vários os questionamentos levantados nesse diálogo. Para essas personagens, o teatro, ou melhor, as artes e o esporte não são caminhos possíveis para as mulheres negras. É como se elas estivessem ocupando um espaço não condizente com seu lugar social. Isso evidencia o funcionamento de hierarquia racial. Por que negros e negras não podem ocupar determinados espaços sociais?



Outro questionamento que pode ser percebido nesse diálogo é o modo pelo qual muitas mulheres negras são tratadas enquanto funcionárias domésticas. Cria-se um imaginário de que são bem tratadas, respeitadas, até dizem que fazem parte da família, mas na realidade, em muitos casos, a relação é puramente entre patrão e funcionária, e quase sempre de exploração, como a funcionária citada no diálogo, que trabalhou a vida inteira e, segundo a patroa, nunca reclamou de nada.

A narrativa demonstra, ainda, a resistência a esses discursos. Mesmo na década de 1950, momento em que o racismo era muito mais explícito, os personagens negros buscam romper com as colonialidades do poder, do ser e do saber. Não aceitam mais, por exemplo, trabalhar sem direitos. O narrador, que vez ou outra se denuncia como personagem e se mostra conhecedor de todos os fatos, nos diz o seguinte sobre o diálogo das duas mulheres:

O que felizmente ignoram é que o “Teatro” mencionado é antes de tudo uma entidade política, que usa a prática teatral como um pretexto. No fundo, o que seus idealizadores querem mesmo – e fazem – é alfabetizar, organizar o povo das favelas, preparar os estudantes contra o racismo nas escolas... Enfim, dar consciência e cidadania aos pretos e mulatos, notadamente as mulheres, duplamente oprimidas, pela origem e pelo sexo. O “Teatro”, inclusive, já conseguiu reunir as empregadas domésticas em uma associação, devidamente legalizada (LOPES, 2015, p. 45- 46).

Esta é outra peculiaridade do texto de Lopes: além de termos negros intelectuais protagonistas do discurso e no discurso, a narrativa não fica apenas na superfície dos fatos e acontecimentos. Ou seja, não há apenas a apresentação das mazelas sofridas pela população negra. As hierarquizações são sempre contestadas, e as formas de resistência estão sempre presentes, como podemos observar na atitude do personagem Paulo Cordeiro, que mesmo exilado nos Estados Unidos em virtude de perseguições político-racial, ele não deixa de estimular seus companheiros que ficaram no Brasil a continuarem lutando.

E faz isso por meio de cartas enviadas aos seus pares contando como os afro-americanos lidam com as problemáticas raciais, como é possível observar no trecho a seguir:

Baltimore, julho/4/1995

Estimados companheiros:

Volto à presença dos prezados amigos, com o coração verde e amarelo de saudades, para dizer o seguinte: Quero crer que agora está se iniciando aqui nos USA uma nova etapa na luta dos nossos irmãos de cor. Foi a pressão das massas do



colored people, organizada na NAACP, que obrigou a suprema corte a tomar, quatro anos atrás, a histórica decisão do caso Brown, fazendo cessar a segregação nas escolas, derrubando a falácia jurídica da “separação com igualdade”, provando que com segregação a igualdade nunca seria real.

Essa decisão fez crepitar ainda mais alto a chama da militância negra... (LOPES, 2015, p. 204- 205).

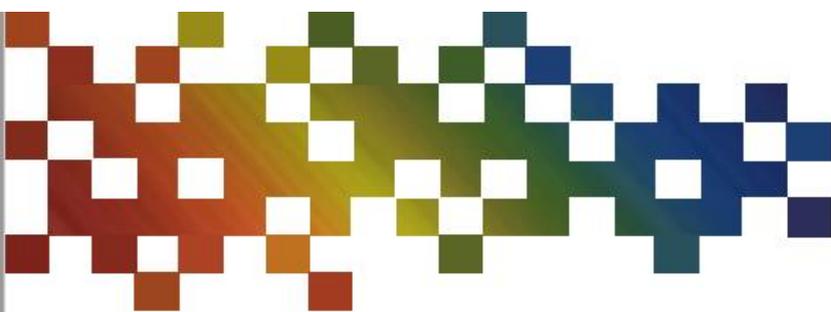
Como o próprio narrador salienta, as cartas de Paulo Cordeiro suscitam calorosas discussões entre seus companheiros sobre a real situação dos afro-brasileiros, para os quais a segregação vivida no Brasil é artilosa e dissimulada.

Nesse sentido, a intelectualidade negra pode ser vista na obra por dois ângulos: o primeiro é a apresentação de personagens como Paulo Cordeiro que usa da sua condição de intelectual negro para denunciar, por exemplo, o racismo de uma sociedade supostamente democrática.

O segundo é a propagação das histórias silenciadas desses intelectuais. Através da narrativa de Nei Lopes podemos conhecer muitas histórias de resistência, como a construção do próprio clube de lazer da comunidade negra, o Renascença, já que eles, mesmo tendo condições financeiras, eram impedidos de frequentar os clubes da cidade por serem negros. Vemos a bailarina e coreógrafa Isa Isidoro, impedida de fazer parte do corpo de baile do Theatro Municipal, criar sua companhia de danças afro-brasileiras. Vemos também a criação da Orquestra Afro-Brasileira, a consolidação da primeira lei contra o racismo, a Lei Arinos, reivindicada por esses negros intelectuais.

Observamos a desconstrução de estereótipos sobre o samba, sobre as religiões africanas e afro-brasileiras, enfim, esses são alguns dos muitos acontecimentos da narrativa que levam o leitor a conhecer essa outra vertente do povo negro brasileiro, porque a trama principal do romance não se pauta em uma visão burguesa sobre os negros, mas sim na busca de negros e negras pelo direito de ocupar na sociedade um lugar de destaque.

Por esse viés, personagens como o advogado Paula Assis, o sociólogo e jornalista Paulo Cordeiro, o dramaturgo Esdras do Sacramento entre outros, representam a apropriação do saber. A construção da intelectualidade na narrativa de Lopes pode ser interpretada como uma relação entre conhecimento e sociedade. O conhecimento desse grupo social não apenas



é destacado no romance, mas também é reconhecido e valorizado, como sugere a ecologia de saberes proposta por Santos (2008, p. 163), por isso essas vozes antes negadas são representadas e ressignificam na narrativa de Nei Lopes.

Considerações Finais

Considerando que a colonialidade do poder e do saber de que trata Quijano (2005) precisa ser questionada e transgredida, acreditamos que o romance *Rio Negro, 50* nos confere matéria suficiente para pensarmos e agirmos nesse sentido. Assim como os personagens do romance não cedem a essa colonialidade do poder e do saber, nós, enquanto pesquisadores, homens, mulheres, homossexuais, negros, brancos, ricos, pobres, enfim, cada qual com sua especificidade, ao concluirmos a leitura de *Rio Negro, 50*, somos convidados a refletir e transgredir esse padrão hegemônico que permeia não só a literatura, mas todas as demais estruturas sociais.

A representação na narrativa acontece enquanto produção de novos sentidos para o ser negro, e não se configura apenas na superfície do discurso, por isso, essa literatura, a qual chamamos de afro-brasileira, possui uma estética própria, pautada em elementos como a temática, a linguagem, o ponto de vista, a semântica e até mesmo a formação de um público leitor. Acreditamos não ser possível a reconstrução do discurso, da história, da representação sobre o sujeito negro, quando olhar dedicado a este ainda é pautado em critérios construídos hegemonicamente.

Por isso, a literatura afro-brasileira está relacionada de forma necessária e absoluta com a negritude, bem como com a situação social do negro em um universo racista. Como afirma Kabenguele Munanga (2012, p. 12, grifo nosso), a negritude:

Se refere à história comum que o olhar do mundo ocidental “branco” reuniu sob o nome de negros. A negritude não se refere somente à cultura dos portadores da pele negra, que aliás, são todos culturalmente diferentes. Na realidade, o que esses grupos humanos têm fundamentalmente em comum não é, como parece indicar o termo negritude, a cor da pele, **mas sim o fato de terem sido na história vítimas das piores tentativas de desumanização e terem sido suas culturas não apenas objeto de políticas sistemáticas de destruição, mais do que isso, ter sido simplesmente negada a existência dessas culturas.**

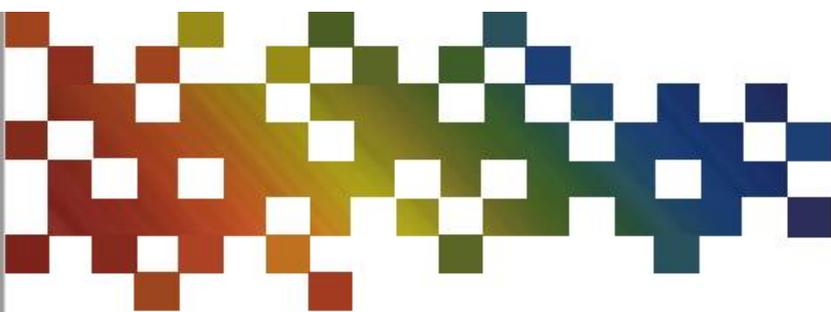
Essa literatura afirma-se como a expressão de um lugar discursivo comprometido em transgredir o sistema de exclusões imputados aos negros e construir novos valores. Assim, ao darmos visibilidade a essas produções, contribuímos para que possamos, como afirma Festino (2014, p. 323), “enxergar além dos limites do próprio discurso estético e visualizar o discurso estético dos outros”. O Outro também possui uma estética. Festino, citando Freitas Caton (2002, p. 323-324), salienta que a ação de considerar o que o Outro tem a dizer torna-se uma prática solidária e emancipatória:

Porque nos ajuda a enxergar o mundo da perspectiva do Outro, e nos libera dos próprios preconceitos; assim, a estética passa de uma prática que se mostra como desinteressada, restrita ao estético, a uma prática socialmente engajada que se torna ferramenta de mudança social.

A representatividade do negro como intelectual na narrativa não apenas questiona tais hierarquias, como também subverte muitos padrões hegemônicos e eurocentrados, tanto os imputados aos negros, quanto aqueles direcionados à literatura, enquanto produção destinada apenas a alguns pequenos e seletos grupos e não a outros. Em outras palavras, o romance *Rio Negro, 50* insere-se nesse rol de produção afro-brasileira, pois simboliza uma outra escrita sobre o contingente negro mostrando-o em sua beleza e participação social.

Há no romance a revelação de novas perspectivas sociais e novas epistemologias. Entre um encontro e outro, seja nas conversas do Café Bar Rio Negro, seja nos terreiros, escolas de samba, cerimônias religiosas, cerimônias festivas, tribunais, estágios de futebol, clubes de lazer, boates e etc., os negros do romance vão construindo outros modos de existir, permeados por sua identidade negra, porque são sujeitos do dizer e no dizer.

Diante de todas as questões expostas aqui, o argumento de que nossa literatura é uma só, isto é, brasileira, precisa ser repensado. Basta olharmos para a representatividade do negro fundamentada nessa ideia de univocidade literária, o que se percebe é o obscurecimento e o silenciamento de sua voz como personagem, escritor, escritora, intelectual, enfim, como agente produtor de conhecimento e membro desse espaço que chamamos de literatura brasileira.



Na literatura afro-brasileira, e aqui falamos mais especificamente do romance *Rio Negro, 50*, as vozes veladas se transformam em veludosas vozes que revelam a história do afro-brasileiro e mostram que “todos os conhecimentos sustentam práticas e constituem sujeitos” (SANTOS, 2008, p. 158), e, portanto, têm valor e devem ser considerados.

Referências

CARBONIERI, Divanize. Pós-Colonialidade e Decolonialidade: Rumos e Trânsitos. **Revista Labirinto**, ano XVI, volume 24, número 1, (JAN-JUN) 2016 PP. 280-300. Disponível em: <<http://www.periodicos.unir.br/index.php/LABIRINTO/article/view/1746>>. Acesso em: 24 de out. 2016.

COMPAGNON, Antoine. **O trabalho da citação**. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 1996.

FESTINO, Cielo Griselda. A estética da diferença e o ensino das literaturas de Língua Inglesa. **Graotá**, Niterói, nº 37, 2014. Disponível em: <<http://www.gragoata.uff.br/index.php/gragoata/article/view/80/366>>. Acesso em: 24 de out. 2016.

GOMES, Nilma Lino. Intelectuais negros e produção do conhecimento: algumas reflexões sobre a realidade brasileira. *In*: SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2009.

LACLAU, Ernesto. “Universalismo, particularismo e a questão da identidade”. *In*: MENDES, Candido (Coord.) / SOARES, Luiz Eduardo (Editor). **Pluralismo Cultural, Identidade e Globalização**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LOPES, Nei. **Rio Negro, 50**. São Paulo. Record, 2015.

MARÇAL, José Antônio. **A formação de intelectuais negros (as): políticas de ação afirmativa nas universidades brasileiras**. Belo Horizonte: Nandyala, 2012.

MUNANGA, Kabengele. Negritude e identidade negra ou afrodescendente: um racismo ao avesso? *In*: **Revista da ABPN • v. 4, n. 8 • jul.–out. 2012 • p. 06-14**. Disponível em: <abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/download/246/222/> Acesso em: 26 de ago. de 2017.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *In*: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais – perspectivas**

latino-americanas. Colección SurSur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina, setembro 2005, p. 107-130, edição brasileira.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad y Modernidad-racionalidad. In: BONILLO, Heraclio (comp.). **Los conquistados.** Bogotá: Tercer Mundo Ediciones; FLACSO, 1992, pp. 437-449. Tradução de Wanderson flor do nascimento.

SANTOS, Boaventura Sousa. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política.** 2.ed. São Paulo, Cortez, 2008.

SANTOS, Boaventura Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes. In: SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. **Epistemologias do Sul.** São Paulo: Cortez, 2009.